

**AVALIAÇÃO DE DUAS TÉCNICAS DE MANUTENÇÃO DE *MICRURUS ALTIROSTRIS*  
(COPE, 1860) (SERPENTES, ELAPIDAE) EM CATIVEIRO**

Acácia Britto Winter<sup>1,2</sup>, Maria Lúcia Machado Alves<sup>1</sup> e Moema Leitão de Araujo<sup>1</sup> (orient.)

<sup>1</sup>Núcleo Regional de Ofiologia de Porto Alegre (NOPA), Museu de Ciências Naturais (MCN), Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul (FZB); <sup>2</sup>Curso de Ciências Biológicas do Centro Universitário Lasalle Canoas; acaciawinter@hotmail.com; botropica@yahoo.com.br

O Núcleo Regional de Ofiologia de Porto Alegre (NOPA) mantém serpentes peçonhentas procedentes do Estado do Rio Grande do Sul com o principal objetivo de extrair veneno para fabrico de soro e pesquisa. Em recente trabalho, foram encontradas proteínas na peçonha de *Micrurus altirostris* (Cope, 1860) diferentes das que ocorrem nas demais serpentes do gênero, sendo estas resistentes à ação do soro antielapídico, o que indica a necessidade da inclusão do veneno na composição do soro. O índice de mortalidade de *M. altirostris* em cativeiro é bastante alto e sua manutenção representa um desafio para os serpentários do país. Inicialmente foi feita pesquisa para verificar mediana e média aritmética de sobrevivência da espécie em cativeiro, entre 1994 e 2010. Buscando aumentar sua longevidade, foram implantadas duas metodologias de manutenção, baseadas na composição de substrato e alimentação. No grupo A os espécimes são acondicionados em substrato de jornal e alimentados com ração composta por fígado de galinha e ovo; no grupo B, em substrato de vermiculita e alimentados com ração composta por farinha de osso, ovo, suplemento vitamínico e sal. A temperatura da sala variou entre 20°C e 25°C. O estudo incluiu 18 animais, sendo nove em cada grupo. Bimestralmente são pesados, alimentados e o veneno é extraído, após sedação com CO<sub>2</sub>. A alimentação é feita via sonda gástrica, inicialmente na quantidade de 10% da massa do indivíduo e após seis meses, passou a ser equivalente a 20%. Alimento natural foi oferecido a ambos os grupos, quando disponível. Entre 1994 e 2010, a mediana e a média aritmética de vida foram de 180 e 120 dias, respectivamente. Após a implementação dos novos métodos, os resultados sobre longevidade foram: mediana de 317 dias para o grupo A e 310 para B, média aritmética de 347 dias para A e 305 dias para B, considerando o óbito de cinco exemplares do grupo A e quatro no B. Entre os animais vivos (n=9), cinco já atingiram 500 dias de vida. Considerando a massa total de cada grupo, houve aumento de 33% em A e 38% em B. Apenas um indivíduo (grupo A) apresentou perda de peso, sendo que este já atingiu 500 dias de vida. Pesquisa realizada no Instituto Butantan apresenta mediana de 78 dias na sobrevivência da espécie. Atualmente a produção de peçonha está sendo utilizada em projetos de pesquisa, em colaboração com o Instituto Vital Brazil. Embora preliminares, os resultados são bastante satisfatórios.

(Apoio: PIBIC-CNPq)